

# SÊNECA

## APOCOLOQUINHOSE DO DIVINO CLÁUDIO

A Transformação de Cláudio em Abóbora

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - LATIM



Montecristo  
Editora

SÊNECA

A APOCOLOQUINTESE DO  
DIVINO CLÁUDIO

"É MAIS FÁCIL FAZER FILÓSOFOS  
CONCORDAREM DO QUE OS  
RELÓGIOS."

*Tradução, introdução e notas de*  
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



Montecristo  
Editora



©2020 Copyright Montecristo Editora

# A APOCOLOQUINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO

"É MAIS FÁCIL FAZER FILÓSOFOS  
CONCORDAREM DO QUE OS  
RELÓGIOS."

**Título Original**

Apocolocyntosis Divi Clavdii

**Supervisão de Editoração/Capa**

Montecristo Editora

**Tradução**

Alexandre Pires Vieira

**Original em latim**

[The Latin Library](#)

**Imagem da Capa**

Mosaico encontrado em Pompeia: Thermae Decianae

**ISBN:**

**978-1-61965-210-1 - Edição Digital**

**Montecristo Editora Ltda.**

**e-mail:** editora@montecristoeditora.com.br



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

**Sêneca**; Consolação a Políbio;  
introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira* -  
Montecristo Editora, 2020. **Título Original:** Apocolocytosis Divi  
Clavdii  
**ISBN:** 978-1-61965-210-1

# Introdução

**A Apocoloquintose do divino Cláudio**, literalmente “*A Transformação de Cláudio em Abóbora*”, é uma sátira sobre o imperador romano Cláudio. *Apocoloquintose* é um jogo de palavras em torno do termo “apoteose<sup>1</sup>”, o processo pelo qual os imperadores romanos mortos eram reconhecidos como deuses.

Trata-se de uma “sátira menipéia<sup>2</sup>”, mista de verso e prosa: os códices lhe dão o título de “*Divi Claudii Apotheosis Annaei Senecae per Saturam*”; mas Dião Cássio<sup>3</sup> **dá-lhe o título de** «*Divii Claudii Apokolokyntosis*”, isto é, “apoteose daquela abóbora de Cláudio”. Esta peça é atribuída à Sêneca pela tradição antiga; é impossível provar que é dele, e impossível provar que não é. O assunto provavelmente continuará a ser decidido por cada um de acordo com sua visão do caráter e habilidades de Sêneca: em matéria de estilo e de sentimento muito pode ser dito de ambos os lados.

A obra acompanha a morte de Cláudio, sua ascensão ao céu, seu julgamento pelos deuses e a eventual descida ao Hades. Em cada etapa, é claro, Sêneca zomba das falhas de caráter do falecido imperador, principalmente de sua crueldade, arrogância e desarticulação. Após Mercúrio persuadir Cloto a matar o imperador, Cláudio caminha para o Monte Olimpo, onde convence Hércules a influenciar os deuses para que ouçam seu processo de deificação em uma sessão do senado do Olimpo. Os procedimentos iniciais são favoráveis a Cláudio até que Augusto profere um longo e sincero discurso listando alguns dos crimes mais notórios do falecido imperador.

Infelizmente, a maior parte dos discursos dos deuses foi perdida, havendo uma grande lacuna no texto.

Contudo Cláudio é rejeitado pela celeste reunião e Mercúrio o acompanha até o inferno. No caminho, ele é obrigado a ver sua procissão fúnebre, na qual um grupo de personagens venais chora a perda da perpétua Saturnália do reinado anterior. No mundo inferior, Cláudio é saudado pelos fantasmas de todos os amigos e vítimas que ele assassinou. Estes fantasmas o levam a ser punido, e o tormento imposto pelos deuses é que ele jogue os dados para sempre em um copo sem fundo (o jogo era um dos vícios de Cláudio): toda vez que ele tenta jogar os dados eles caem e ele tem que procurar por eles no chão. De repente, Calígula aparece, afirma que Cláudio é um escravo e o entrega para ser esbirro<sup>80</sup> no tribunal do submundo.

***É uma sátira mordaz contra o*** imperador Cláudio, ou melhor, contra o Senado que decretou honras divinas ao príncipe. Sêneca, brilhante na filosofia e tragédia, não tinha alma de escritor satírico; todavia, notasse amiúde a genialidade de um intelecto que, também num gênero pouco adaptável à própria sensibilidade, demonstra a força da indignação contra um tirano e contra uma assembleia corrupta e imoral. A obra trás ricas referências tanto a história romana, quanto sua mitologia e poética.

## Sobre o autor

**Lúcio Aneu Sêneca**, em latim: *Lucius Annaeus Seneca*, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos

e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54, Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

## **Obras filosóficas de Sêneca:**

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)



- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
- As Troianas (*Troades*)
- As Fenícias (*Phoenissae*)
- Medeia (*Medea*)
- Fedra (*Phaedra*)
- Édipo (*Oedipus*)
- Agamemnon
- Tiestes (*Thyestes*)
- Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)

# Sobre a tradução

A tradução para o português foi baseada na versão em inglês de **William Henry Denham (W. H. D.) Rouse** publicada em 1913 pela Loeb Classical library disponível no [Internet Archive](#). Ao texto de Rouse foram acrescentadas as notas de rodapé esclarecendo nomes e personagens citados por Sêneca bem como referências a livros de autores mencionados.

O texto em latim que consta deste volume é da [The Latin Library](#).

Poucas observações sobre a tradução são necessárias.

No latim, o uso da segunda pessoa é natural para expressar a relação de proximidade e familiaridade. Nas traduções em português geralmente usa-se a segunda pessoa (*tu*).

Contudo, no português atual, principalmente no Brasil, o uso da terceira pessoa (*você*) me parece mais adequado à intenção de Sêneca, que ensinava filosofia a um amigo. Assim, toda a tradução foi feita em terceira pessoa.

Espero que gostem tanto quanto eu,

**Alexandre Pires Vieira**

**Viena, verão de 2020**



# A Apocoloquintose do Divino Cláudio

## I.

1. Desejo registrar os acontecimentos no céu no dia 13 de outubro passado<sup>4</sup>, do novo ano que inicia esta auspiciosa era. Isto deve ser feito sem ira ou favorecimento<sup>5</sup>. Esta é a verdade. Pergunte, se deseja saber, como eu sei disso. Para começar, não sou obrigado a agradar-lhe com minha resposta. Quem vai me obrigar? Sei que o mesmo dia me libertou<sup>6</sup>, que foi o último dia para aquele que tornou o provérbio verdadeiro: *“Deve-se nascer ou um rei ou um tolo”*.

2. Se eu escolher responder, direi aquilo que me vier aos lábios. Quem já fez o historiador produzir testemunhas para jurar por ele? Mas se uma autoridade deve ser produzida, pergunte ao homem que viu Drusila<sup>7</sup> transladada para o céu<sup>8</sup>: o mesmo homem<sup>9</sup> terá visto Cláudio na estrada, pontilhar “passinho por passinho”<sup>10</sup>. Será que ele vai até lá? Tudo o que acontece no céu que ele precisa ver. Ele é o guardião da Via Ápia; por esse caminho, você sabe, tanto Tibério como Augusto subiram aos deuses<sup>11</sup>.

3. Questione-o, ele lhe contará a história quando você estiver sozinho; em companhia, ele é mudo. Você vê que ele jurou no Senado que viu Drusila subir aos céus, e tudo o que recebeu por sua boa notícia foi que todos lhe duvidaram da

mentira: desde então ele jurou solenemente que nunca mais testemunhará nada que vir, nem mesmo se ele tivesse visto um homem assassinado no Fórum. O que ele me disse, eu o relato de forma clara e transparente, como desejo por sua saúde e felicidade:



1.

*Agora tinha Febo desenhado sua luz ascendente,  
E, em graus equivalentes, cresceram as horas escuras  
da noite*

*A vitoriosa Cynthia agora dominava um espaço mais  
amplo,*

*O inverno sombrio levou o outono rico, e usurpou seu  
lugar;*

*já o vindimador, demorando, de Baco envelhecido  
os pouquíssimos cachos apanhava antes do frio*

*Iam Phoebus brevior via contraxerat arcum  
lucis, et obscuri crescebant tempora somni,  
iamque suum victrix augebat Cynthia regnum,  
et deformis hiemps gratos carpebat honores  
divitis autumnus, iussoque senescere Baccho  
carpebat raras serus vindemitor uvas.*

2. Vou me fazer entender melhor, se eu disser que o mês era outubro, o dia era o décimo terceiro. A que hora foi certamente não posso dizer; é mais fácil fazer filósofos concordarem do que os relógios; mas foi entre o meio-dia e uma hora depois do meio-dia<sup>12</sup>.

3. “Criatura desajeitada”, diz você. “Os poetas não se contentam em descrever o nascer e o pôr-do-sol, e agora até perturbam a sesta do meio-dia. Você vai assim negligenciar uma hora tão boa”?



4.

*Agora a carruagem de Febo tinha saído de seu caminho;  
Meio cansado ele sacudiu as rédeas, mais perto da noite  
do que do dia,  
E conduziu a luz ao longo da encosta que se encontrava  
antes dele.*

*Iam medium curru Phoebus diviserat orbem:  
et propior nocti fessas quatiebat habenas  
obliquo flexam deducens tramite lucem:*



1. Cláudio começou a dar seu último suspiro e não pôde dar um fim ao assunto. Então Mercúrio, que sempre tinha ficado muito satisfeito com sua sagacidade, afastou um das três Parcas<sup>13</sup>, e disse: “*Cruel Senhora, por que você deixa o pobre desgraçado ser atormentado? Depois de toda esta tortura, ele não pode ter um descanso*”? Já se passaram quatro e sessenta anos desde que ele começou a ofegar. Que rancor é esse que você guarda contra ele e contra todo o império?

2. Deixe os astrólogos dizerem a verdade por uma vez; desde que ele se tornou imperador, eles nunca deixaram passar um ano, nunca um mês, sem o entregar para seu enterro. No entanto, não é de admirar que estejam errados, e ninguém sabe sua hora. Ninguém jamais acreditou que ele tivesse nascido de verdade<sup>14</sup>. Faça o que tem que ser feito: “*Matem-no e deixem um homem melhor governar uma corte vaga*”<sup>15</sup>.

3. Mas Cloto respondeu: “*Pela minha palavra, eu queria dar-lhe mais uma ou duas horas, até que ele fizesse cidadãos romanos da meia dúzia de pessoas que ainda são forasteiros*”. Ele decidira, sabe, ver o mundo inteiro na toga, gregos, gauleses, espanhóis, britânicos, e todos. Mas como é seu prazer deixar alguns estrangeiros por sementes, e como você me comanda, assim seja.

4. Ela abriu sua caixa e saiu com três fusos. Um era para Augurino, outro para Baba, outro para Cláudio<sup>16</sup>. “*Estes três*”, diz ela, “*farei morrer dentro de um ano e a uma distância não muito grande, Cláudio não irá sem*

*companhia. Pense em todos os milhares de adúladores que ele estava acostumado a ver seguindo atrás de si, milhares indo antes, milhares todos se aglomerando sobre ele, e nunca o deixariam em paz de repente. Estes companheiros o satisfarão pelo incômodo”.*

## IV

1. Dito isto, ela torce o fio ao redor de seu horrendo fuso uma vez, tira o último pedaço da vida daquele estúpido Imperial. Mas Láquesis, seu cabelo adornado, suas tranças bem amarradas, louro piério<sup>17</sup> em suas mechas, suas sobancelhas com guirlandas coroadas, arranca-me dos fios novos de lã tão branca quanto a neve, que com um toque feliz mudam de cor à medida que vão passando, não lã comum, mas fios dourados; as Irmãs se perguntam:

*Corre alegre o trabalho: do fuso que rápido  
gira naturalmente descem os dóceis e leves estames:  
e vencem de Titão a idade, de Nestor os anos.  
Está presente Febo com o canto;  
e se alegra da sorte: contente agita o plectro,  
contente fornece as roçadas.  
Prende-as com o canto, com o canto alivia o trabalho.  
De fato, enquanto louvam a citara e o canto fraterno,  
fiam mais depressa as mãos: o notável labor  
ultrapassa os destinos mortais. “Deste fio nada seja  
tirado “,  
Febo sussurra às Parcas,  
“o curso mortal ultrapasse quem a mim se assemelha no  
aspecto,  
na graça do rosto, também na voz, no canto.  
Ele um século de ouro aos opressos vai dar com alegria,  
vai quebrar o silêncio das leis.*

*Assim como Lucífero dissipa no céu as estrelas  
ou Héspero no céu a volta dos astros anuncia;  
assim como, depois das trevas, a Aurora difunde  
a rubra luz e o Sol cintilante o universo saúda,  
pra fora das barreiras guiando com ímpeto o carro;  
assim o novo César aparece, aclamado por Roma  
agora será Nero: desprende-se a luz do seu rosto,  
do cândido pescoço guarnecido de longos cabelos.”*

*Sponte sua festinat opus nulloque labore  
mollia contorto descendunt stamina fuso.  
Vincunt Tithoni, vincunt et Nestoris annos.  
Phoebus adest cantuque iuvat gaudetque futuris,  
et laetus nunc plectra movet, nunc pensa ministrat.  
Detinet intentas cantu fallitque laborem.  
Dumque nimis citharam fraternaue carmina laudant,  
plus solito nevere manus, humanaue fata  
laudatum transcendit opus. “Ne demite, Parcae”  
Phoebus ait “vincat mortalis tempora vitae  
ille, mihi similis vultu similisque decore  
nec cantu nec voce minor. Felicia lassis  
saecula praestabit legumque silentia rumpet.  
Qualis discutiens fugientia Lucifer astra  
aut qualis surgit redeuntibus Hesperus astris,  
qualis cum primum tenebris Aurora solutis  
induxit rubicunda diem, Sol aspicit orbem  
lucidus, et primos a carcere concitat axes:  
talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem  
aspiciet. Flagrat nitidus fulgore remisso  
vultus, et adfuso cervix formosa capillo.*



2. Assim falou Apolo. Mas Láquesis, igualmente pronta para lançar um olhar favorável sobre um homem bonito, gira à míngua, e dá anos e anos a Nero do seu próprio bolso. Quanto a Cláudio, dizem todos para acelerá-lo em seu caminho com gritos de alegria e ladainha solene. De repente, borbulhou lhe a alma, e a sombra de uma vida acabou. Ele estava ouvindo uma trupe de comediantes quando morreu, então você vê que eu tenho razões para temer essa aristocracia<sup>18</sup>. As últimas palavras que ele foi ouvido a dizer neste mundo foram estas. Quando ele fez um grande barulho com aquela extremidade dele que falava mais facilmente, ele gritou: *“Oh meu Deus, oh meu Deus! Acho que fiz uma sujeira em mim mesmo”*<sup>19</sup>. Se ele fez ou não, não posso dizer, mas tenho certeza de que ele sempre sujava tudo em qualquer lugar.

## V

1. O que aconteceu em seguida na Terra é mera perda de tempo contar, pois você sabe tudo isso muito bem, e não há medo de nunca esquecer a impressão que esse regozijo público causou em sua memória. Ninguém esquece sua própria felicidade. O que aconteceu no céu você ouvirá: para prova, por favor, dirija-se ao meu informante.

2. Chega a Júpiter a notícia de que um estranho havia chegado, um homem bem montado, bastante grisalho; ele parecia estar ameaçando algo, pois abanava a cabeça incessantemente; ele arrastava o pé direito. Eles lhe perguntaram de que nação ele era; ele respondeu algo com uma voz confusa e murmurante: sua linguagem que eles não entendiam. Ele não era grego e nem romano, nem de nenhuma raça conhecida.

3. Nisso, Júpiter solicita que Hércules vá e descubra de que país ele vem; como você sabe, Hércules viajou por todo o mundo, e poderia ser de se esperar que conhecesse todas as nações do mundo. Mas Hércules, logo no primeiro vislumbre que teve, foi realmente surpreendido, embora nem todos os monstros do mundo pudessem assustá-lo; quando ele viu este novo tipo de sujeito, com sua marcha extraordinária, e a voz de nenhuma fera terrestre, mas como você poderia ouvir nos leviatãs das profundezas, rouco e inarticulado, ele pensou que seu décimo terceiro trabalho tinha chegado ao seu encontro.

4. Quando ele olhou mais de perto, a coisa parecia ser uma espécie de homem. Então ele vai para cima e diz à sua língua o que seu grego acha mais acessível:

*"Quem é você, e qual seu povo? Quem são seus pais, onde fica sua casa?"<sup>20</sup>*

Cláudio ficou encantado em encontrar homens alfabetizados lá em cima, e começou a ter esperança de que poderia haver algum canto para suas próprias obras históricas. Então ele o encobre com outro verso homérico, explicando que ele era César:

*"De Ílio os ventos levaram-me à terra onde os Ciconos moram"<sup>21</sup>.*

Mas o verso seguinte era mais verdadeiro, e não menos homérico:

*"Aí vim, saquei uma cidade, matei o povo todo"<sup>22</sup>.*

## VI

1. Ele teria enganado o pobre e simples Hércules, caso não fosse a deusa Febre por lá, que deixou seu templo e veio sozinha com ele: todos os outros deuses ele havia deixado em Roma<sup>23</sup>. Disse ela: *“A história do companheiro não é mais do que mentira. Eu vivi com ele todos estes anos, e lhes digo, ele nasceu em Lião. Você vê um companheiro de Marco Planco<sup>24</sup>. Como já disse, ele nasceu a dezesseis léguas de Viena<sup>25</sup>, um gaulês nativo. Então, é claro que ele tomou Roma, como um bom gaulês deveria fazer<sup>26</sup>. Garanto-lhe minha palavra de que em Lião ele nasceu, onde Licínio foi rei por tantos anos<sup>27</sup>. Mas vocês, que percorreram mais estradas do que qualquer tropeiro fretado, devem ter se deparado com o povo de Lião, e devem saber que é muito longe que o Xanto está do Ródano por milhares de léguas”<sup>28</sup>.*
2. Neste ponto, Cláudio se exaltou, e expressou sua ira com um rosnado tão grande quanto ele poderia manejar. O que ele disse ninguém entendeu; de fato, ele estava ordenando que a deusa Febre fosse retirada, e fazendo aquele sinal com sua mão trêmula (que sempre foi firme o suficiente para isso, se não fosse por nada mais) pelo qual ele costumava decapitar os homens. Ele havia ordenado que a cabeça dela fosse cortada. Por todo o reconhecimento que os outros lhe davam, eles poderiam ter sido seus próprios libertos.

## VII

1. Então Hércules disse: “Você só me escute, e pare de se fazer de bobo. Você chegou ao lugar onde os ratos mordiscam o ferro<sup>29</sup>. Diga a verdade, e pareça perspicaz, ou eu lhe darei uma surra”. Então, para se tornar ainda mais horrível, ele estabelece uma postura e prossegue em sua veia mais trágica:

*2. “Declare com rapidez qual o local que você reclama por nascimento.*

*Ou, com este bastão, caia na terra!*

*Este bastão já massacrou muitas vezes reis altivos!*

*Por que murmurar coisas ininteligíveis?*

*Que terra, que tribo produziu essa cabeça trêmula?*

*Declare! Na minha jornada, quando acelerei*

*Longe do Reino do Triplo Rei<sup>30</sup>,*

*E das hespérias terras trouxe*

*O bom gado para a cidade de Argo,*

*Lá eu vi uma montanha olhando para baixo*

*Sobre dois rios: este é o dos espiões do Sol*

*Bem em frente a cada dia ele se levanta.*

*Daí, poderoso Ródano, suas rápidas correntes fluem,*

*E Arar<sup>31</sup>, muito em dúvida sobre o caminho a seguir,*

*Ondulações ao longo dos bancos com rebordo raso.*

*Diga, esta terra é a enfermeira que criou sua alma”?*

*“Exprome propere, sede qua genitus cluas,*



*hoc ne peremptus stipite ad terram accidas;  
haec clava reges saepe mactavit feros.  
Quid nunc profatu vocis incerto sonas?  
Quae patria, quae gens mobile eduxit caput?  
Edissere. Equidem regna tergemini petens  
longinqua regis, unde ab Hesperio mari  
Inachiam ad urbem nobile advexi pecus,  
vidi duobus imminens fluviis iugum,  
quod Phoebus ortu semper obverso videt,  
ubi Rhodanus ingens amne praerapido fluit,  
Ararque dubitans, quo suos cursus agat,  
tacitus quietis adluit ripas vadis.  
Estne illa tellus spiritus altrix tui?"*

3. Estas linhas ele declamou com muito espírito e uma fachada arrojada. Mesmo assim, ele não era muito mestre de sua inteligência, e tinha algum medo de um golpe do tolo<sup>32</sup>. Cláudio, vendo um homem poderoso à sua frente, viu que as coisas pareciam sérias e entendeu que ali ele não tinha a mesma proeminência que em Roma, onde ninguém era igual a ele: o galo gálico valia mais em seu próprio monte de estrume<sup>33</sup>.

4. Portanto, era isto o que se pensava que ele dizia, na medida do possível: *“Eu esperava, Hércules, o mais corajoso de todos os deuses, que você tomasse minha parte com os demais, e se eu precisasse de um comprovante, eu queria nomear você que me conhece tão bem. Não se esqueça, como eu costumava fazer julgamentos diante de seu templo em Tivoli durante os meses de julho e agosto<sup>34</sup>.*

5. *Todos sabem que misérias eu sofri lá, ao ouvir os advogados pleitearem dia e noite. Se você tivesse se achado entre estes, você pode se achar muito forte, mas teria achado pior do que os estábulos de Augias: Eu limpei*

*mais estrume do que você limpou. Mas eu quero...”.*

(Algumas páginas foram perdidas, nas quais provavelmente Hércules deve ter sido persuadido. Os deuses estão agora discutindo o que Hércules lhes diz).

## VIII

1. ... Não admira que você tenha forçado sua entrada na Casa do Senado: nenhuma barra ou ferrolho pode segurar sua entrada. Basta dizer que espécie de deus você quer que o sujeito seja feito. Um deus Epicurista ele não pode ser: pois este “*não se incomoda por nada e não incomoda ninguém*”<sup>35</sup>. Um estoico, então? Como ele pode ser globular, como diz Varrão, sem uma cabeça ou qualquer outra projeção? Há nele algo do deus estoico, como posso ver agora: ele não tem coração nem cabeça.

2. Por minha palavra, se ele tivesse pedido esta bênção a Saturno, ele não a teria recebido, apesar de ter mantido a festa de Saturno o ano inteiro, um verdadeiro príncipe saturnal<sup>36</sup>. Uma coisa provável que ele receberá de Júpiter, a quem condenou por incesto até onde ele estava: pois ele matou seu genro Silano, porque Silano tinha uma irmã, uma garota encantadora, chamada Vênus por todo o mundo, e ele preferiu chamá-la de Juno<sup>37</sup>. Por que, diz ele, eu quero saber por que, sua própria irmã? Leia seus livros, estúpido: você pode ir a meio caminho em Atenas, o caminho todo para Alexandria<sup>38</sup>. Porque os ratos lambem as mós em Roma<sup>39</sup>, diz você. Será esta criatura para consertar nossos caminhos tortos? O que acontece em seu próprio gabinete ele não sabe<sup>40</sup>; e agora ele procura nas regiões do céu, quer ser um deus. Não é suficiente que ele tenha um templo na Grã-Bretanha<sup>41</sup>, que os bárbaros o adorem e rezem a ele como um deus, para que possam encontrar um tolo<sup>42</sup> para ter piedade?

## IX

1. Finalmente passou pela cabeça de Júpiter, que enquanto estranhos estavam na assembleia, não era lícito falar ou debater. *“Meus senhores e senhoras”, disse ele, “eu lhes dei licença para fazer perguntas, e vocês fizeram verdadeira balbúrdia do lugar. Sejam tão bondosos a ponto de manter as regras da Casa. O que essa pessoa vai pensar de nós, quem quer que seja”?*

2. Então Cláudio foi conduzido para fora, e o primeiro a ser perguntado sua opinião foi o Pai Jano<sup>43</sup>: ele tinha sido nomeado cônsul eleito para a tarde do próximo primeiro de julho<sup>44</sup>, sendo um homem tão astuto quanto você poderia encontrar em um dia de verão: pois ele podia ver, como dizem, *“diante de si e, ao mesmo tempo, atrás”*<sup>45</sup>. Ele fez um eloquente discurso, porque sua vida foi transcorrida no fórum, mas rápido demais para que o notário o anotasse. É por isso que não faço um relato completo, pois não quero mudar as palavras que ele usou.

3. Ele disse grande parte da majestade dos deuses, e como a honra não deve ser dada a qualquer um. *“Uma vez”, disse ele, “foi uma grande coisa se tornar um deus; agora fizeram disso uma farsa. Portanto, para que você não pense que estou falando contra uma pessoa em vez do costume geral, proponho que a partir deste dia a divindade não seja dada a nenhum daqueles que comem os frutos da terra, ou a quem a mãe terra nutre*<sup>46</sup>. *Depois que este projeto de lei for lido uma terceira vez, quem quer que seja feito, dito ou retratado como deus, eu voto que ele seja entregue aos pântanos, e no próximo espetáculo público seja açoitado*

*com uma vara dentre os novos gladiadores”.*

4. O próximo a ser perguntado foi Diéspiter, filho de Vica Pota<sup>47</sup>, também cônsul eleito, e um prestamista; por este ofício ele ganhava a vida, costumava vender direitos de cidadania ao varejo. Hércules me leva até ele de forma delicada, e o puxa pela orelha<sup>48</sup>. Assim, ele expressou sua opinião com estas palavras:

5. *“Na medida em que o divino Cláudio é semelhante ao divino Augusto, e também à divina Augusta, sua avó, a quem ele ordenou que se tornasse uma deusa, e enquanto ele ultrapassa de longe todos os homens mortais em sabedoria, e vendo que é para o bem público que há alguém capaz de se juntar a Rômulo para se alimentar de nabos cozidos<sup>49</sup>, eu proponho que a partir deste dia o divino Cláudio seja um deus, para desfrutar dessa honra com todos os seus apelos em grau tão pleno quanto qualquer outro antes dele, e que uma nota nesse sentido seja acrescentada às Metamorfoses de Ovídio<sup>50</sup>.”*

6. Os participantes da reunião estavam divididos e parecia que Cláudio iria ganhar o dia. Pois Hércules viu que seu ferro estava no fogo, troteado aqui e troteado ali, dizendo: *“Não me negue; eu faço questão do assunto. Farei o mesmo por você novamente, quando quiser; você rola meu tronco, e eu rolo o seu: uma mão lava a outra”.*

## X

1. Então surgiu o divino Augusto, quando chegou sua vez, e falou com muita eloquência<sup>51</sup>. *“Eu os convido a testemunhar, meus senhores e Senadores”, disse ele, “que desde o dia em que fui feito um deus eu nunca proferi uma palavra. Eu sempre me dedico à minha própria vida. Mas agora não posso mais me manter na máscara, nem esconder a tristeza que a vergonha torna ainda maior.*
2. *É por isso que fiz a paz por terra e por mar? Por isto eu acalmei as guerras internas? Por isto, estabeleci uma base firme de direito para Roma, adornei-a com edifícios<sup>52</sup>, e tudo isso – meus senhores, as palavras me falham – não há nenhuma que possa elevar-se ao auge da minha indignação. Devo tomar emprestado o ditado do eloquente Messala Corvino, tenho vergonha de minha autoridade<sup>53</sup>.*
3. *Este homem, meus senhores, que parece não poder ferir uma mosca, costumava cortar cabeças tão facilmente como um cão se senta. Mas por que eu deveria falar de todos esses homens, e de tais homens? Não há tempo para lamentar os desastres públicos, quando se tem tantas tristezas privadas para pensar. Deixo isso, portanto, e digo apenas isto; pois mesmo que minha irmã não conheça grego, eu conheço: O joelho está mais próximo do que a canela<sup>54</sup>.*
4. *Este homem que você vê, que durante tantos anos se disfarçou sob meu nome, me agradeceu deste jeito, fez o favor de assassinar duas Júlias, minhas bisnetas, uma por aço frio e outra por fome; e um bisneto, Lúcio. Silano – veja, Júpiter, se ele tinha um caso contra ele (pelo menos era o*

*seu lado, se for justo.) Venha me dizer, divino Cláudio, por que de todos aqueles que você matou, tanto homens quanto mulheres, sem uma audiência, por que você não ouviu o caso deles primeiro, antes de matá-los<sup>55</sup>? Onde encontramos esse costume?"*

## XI

1. *“Não se pratica aqui no céu”*, continuou o divo Augusto. *“Veja, por exemplo, Júpiter, que reina há tantos séculos: somente a Vulcão quebrou uma perna quando o pegou pelo pé, jogando-o dos reinos celestes<sup>56</sup>”*. Uma vez ele caiu em fúria com sua esposa e a levantou no ar<sup>57</sup>: ele fez alguma matança? Ao contrário, você matou Messalina, cujo tio-avô era nada menos que o seu. *“Eu não sei”*, disse você? Maldito seja! É isso mesmo: não saber era pior do que matar.

2. Calígula continuou perseguindo mesmo quando ele estava morto. Calígula assassinou seu sogro, Cláudio, seu genro, para começar. Calígula não aceitou que o filho de Crasso se chamasse Grande; Cláudio lhe deu seu nome de volta e lhe tirou a cabeça. Em uma família ele destruiu Crasso, Magno e Escribônia, os Tristionias, por mais nobres que fossem; Crasso realmente era tão tolo que poderia ter sido imperador.

3. Será que querem agora fazer dele um deus? Olhe para seu corpo, nascido sob a ira do céu! Se ele proferir rapidamente as três palavras, ele me teria como escravo. Deus! quem vai adorar este deus, quem vai acreditar nele?

4. Enquanto vocês proclamam deuses como ele, ninguém acreditará que vocês são deuses. Para ser breve, meus senhores: se eu vivi honradamente entre vós, se nunca proferi um simples discurso a ninguém, vingue meus erros. Esta é a minha moção: então ele leu sua emenda, que ele se comprometera a escrever:

5. *“Na medida em que o divino Cláudio assassinou seu*



*sogro Ápio Silano, dois genros – Magno Pompeu e Lúcio Silano; o sogro da filha – Crasso Frugi como eles se pareciam, assim como dois ovos em uma cesta. Escribonia sogra de sua filha, sua esposa Messalina, e outros numerosos demais para mencionar; proponho que medidas fortes sejam tomadas contra ele, que não lhe seja permitido nenhum adiamento do processo<sup>58</sup>, que a sentença imediata de banimento seja proferida contra ele, que ele seja deportado do céu dentro de trinta dias, e do Olimpo dentro de trinta horas”.*

6. Esta moção foi aprovada sem mais debate. Nem um momento foi perdido: Mercúrio enroscou seu pescoço e o levou para as regiões mais baixas, para aquele sertão “do qual dizem que nenhum viajante volta”<sup>59</sup>.

## XII

1. Ao passarem para baixo ao longo do Via Sacra<sup>60</sup>, Mercúrio perguntou: qual foi aquele grande concurso de homens? poderia ser o funeral de Cláudio? Foi certamente um espetáculo muito bonito, levantado independentemente das despesas, claro que era um deus que estava sendo levado para a sepultura: tilintar flautas, rugir de chifres, uma imensa fanfarrinha de metais de todos os tipos, um barulho tal que até Cláudio podia ouvi-lo.

2. Alegria e júbilo de todos os lados, o povo romano andando por aí como homens livres. Agatão e alguns rábulas choravam de pesar e, por uma vez, de certa forma, falavam a sério. Os juízes rastejavam para fora de seus cantos escuros, pálidos e magros, com dificuldade de respirar em seus corpos, como se estivessem voltando à vida. Um deles, quando viu os rábulas juntando suas cabeças, e lamentando sua triste sorte, subiu e disse: “*Eu não lhe disse que a Saturnalia não poderia durar para sempre?*”.

3. Quando Cláudio viu seu próprio trem fúnebre, ele entendeu que estava morto. Pois eles cantavam seu canto em anapestos<sup>61</sup>, com muita lamúria e palavreado:

*Chorar devemos, bater o peito:*

*ressoe no Foro triste clamor!*

*Deu a ossada um homem*

*grande: nunca no mundo*

*viveu um outro maior varão!*

*Vencia no curso em*

*disparada os mais velozes;  
vencia os rebeldes dos fortes Partos,  
vexava os Persas com flechas leves,  
com firme punho sabia do arco setas soltar,  
para ferir hoste que foge ou  
as pintadas costas dos Medos.  
Impôs o jugo férreo de Roma  
ora aos Britanos pra além das  
praias do noto mar, ora  
aos Brigantes<sup>62</sup> de escudo azul:  
o mesmo pélagos tremeu vencido  
sob o ameaço da nossa lei.  
Chorai o grande que celeremente  
mais do que os outros sabia  
processos estudar,  
uma só parte ouvindo, também nenhuma.  
Existe agora um magistrado que  
julgue as brigas no ano inteiro?  
Deixa-te o assento no além-túmulo  
quem foi já dono de cem cidades da grande Creta.  
Com mãos aflitas batei os peitos, ó causídicos  
raça vendável; chorai, poetas novos;  
e mais ainda vós que conseguistes,  
jogando os dados, ganhar fortunas<sup>63</sup>.*

*“Fundite fletus, edite planctus,  
resonet tristi clamore forum:  
cecidit pulchre cordatus homo  
quo non alius fuit in toto*

*fortior orbe.  
Ille citato vincere cursu  
poterat celeres, ille rebelles  
fundere Parthos levibusque sequi  
Persida telis, certa que manu  
tendere nervum, qui praecipites  
vulnere parvo figeret hostes,  
pictaque Medi terga fugacis.  
Ille Britannos ultra noti  
litora ponti  
et caeruleos scuta Brigantas  
dare Romuleis colla catenis  
iussit et ipsum nova Romanae  
iura securis tremere Oceanum.  
Deflete virum, quo non alius  
potuit citius discere causas,  
una tantum parte audita,  
saepe et neutra. Quis nunc iudex  
toto lites audiet anno?  
Tibi iam cedit sede relicta,  
qui dat populo iura silenti,  
Cretaea tenens oppida centum.  
Caedite maestis pectora palmis,  
O causidici, venale genus.  
Vosque poetae lugete novi,  
vosque in primis qui concusso  
magna parastis lucra fritillo.”*

## XIII

1. Cláudio ficou encantado ao ouvir seus próprios louvores cantados, e teria ficado mais tempo para ver o espetáculo. Mas os Táltibios<sup>64</sup> dos deuses lhe estenderam a mão, e o conduziram através do Campo de Marte<sup>65</sup>, primeiro enrolando sua cabeça num pano para que ninguém o reconhecesse, até que entre o Tibre e o Via Coberta ele desceu para as regiões mais baixas do inferno.

2. Seu liberto Narciso tinha descido antes dele por um atalho<sup>66</sup>, pronto para receber seu mestre. Ele vem ao seu encontro, suave e brilhante (ele tinha acabado de sair do banho<sup>67</sup>), e diz ele: “*O que fazem os deuses entre os mortais?*” “*Olhe atento*”, diz Mercúrio, “*vá e diga a eles que estamos chegando*”. E ele partiu, mais rápido do que a língua pode dizer.

3. É fácil ir por esse caminho, todo descendo a colina<sup>68</sup>. Assim, embora ele tivesse um pouco de gota, em um instante eles chegaram à porta de Dite. Ali estava Cérbero, ou, como diz Horácio, o monstro de cem cabeças. Cláudio ficou um pouco perturbado (era uma cadelinha branca que costumava manter como animal de estimação) quando espiou este cão de caça preto, não era de forma alguma o tipo de coisa que se pudesse desejar encontrar no escuro. Em voz alta ele gritou: “*Cláudio está chegando!*”.

4. Todos marcharam diante dele cantando: “*O perdido se encontra, ó rejubilemos juntos!*”<sup>69</sup>. Aqui foram reunidos Caio Sílio, o ex-pretor Junco, Sexto Traulo, Marco Hélvio, Trogo, Vétio Valente, Fábio, cavaleiros romanos que Narciso tinha mandado executar. No meio desta companhia de cânticos

estava Mnester, o mímico, que Cláudio, por uma questão de honra, havia encurtado por uma cabeça<sup>70</sup>.

5. A notícia foi logo divulgada sobre o fato de que Cláudio tinha chegado: a Messalina, eles se aglomeraram: primeiro seus libertos, Políbio<sup>71</sup>, Míron, Arpócrates, Anfeu, Feronacto, todos enviados antes dele por Cláudio para que ele não ficasse desacompanhado em lugar algum; depois dois prefeitos, Justo Catônio e Rúfrio Polião; depois seus amigos, Saturnino Lúsio, Pédon Pompeu, Lupo, Céler Asínio, estes de nível consular; por último vieram a filha de seu irmão, a filha de sua irmã, os genros, pais e sogras, toda a família de fato.

6. Em um grupo, eles vieram ao encontro de Cláudio; e quando Cláudio os viu, ele exclamou: *“Amigos em todos os lugares, Tudo lotado! Como chegaram todos aqui?”* A este Pedon Pompeu respondeu: *“O quê, homem cruel? Como viemos até aqui? Quem, senão você, nos enviou, você, o assassino de todos os amigos que você já teve? Para cortejá-lo! Eu lhe mostrarei onde se sentam os juízes daqui.”*

## XIV

1. Pédon o leva à sala de audiências do tribunal da Éaco<sup>72</sup>, que estava realizando um julgamento sob a Lei Cornelia<sup>73</sup> para julgar casos de assassinato e homicídio. Pédon pede ao juiz que tome o nome do prisioneiro, e produz uma citação com esta acusação: Senadores mortos, 35; Cavaleiros Romanos, 221; populares: como as areias da costa marítima<sup>74</sup>.
2. Cláudio não encontra nenhum advogado. Em longos passos apresenta-se finalmente Públio Petrônio, um velho amigo seu, um estudioso acabado na língua claudiana, reivindica tempo para preparar a defesa. Não concedido. Pédon Pompeu prossegue com alto clamor. O advogado de defesa tenta responder; mas Éaco, que é a alma da justiça, não a aceita. Éaco ouve o caso contra Cláudio, se recusa a ouvir o outro lado e emite sentença contra o mesmo, citando as linhas: *“Assim como ele fez, assim seja feito para ele, isto é justiça sem mácula”*<sup>75</sup>.
3. Caiu um grande silêncio. Nem uma alma ficou estupefata com esta nova maneira de administrar as coisas; nunca tinham visto nada parecido antes. Não era novidade para Cláudio, mas ele o achava injusto. Houve uma longa discussão a respeito da punição que ele deveria sofrer. Alguns disseram que Sísifo<sup>76</sup> tinha feito seu trabalho de portador por tempo suficiente; Tântalo<sup>77</sup> estaria morrendo de sede, se não fosse aliviado; o freio deve ser finalmente aplicado na roda do miserável Íxion<sup>78</sup>. Mas estava determinado a não libertar nenhum dos velhos serviçais, para que Cláudio não se atrevesse a ter esperança em tal

alívio.

5. Foi concordado que alguma nova punição deve ser concebida: eles devem elaborar alguma nova tarefa, algo sem sentido, para suscitar algum anseio sem resultado. Então Éaco decretou que deveria lançar os dados para sempre em copo sem fundo<sup>79</sup>. Imediatamente o pobre coitado começou sua tarefa infrutífera de lançar os dados para a busca, que para sempre se escapavam de seus dedos.



# XV

1.

*“Pois quando ele se agitou com a caixa, e pensou que agora os tinha conseguido.*

*Os pequenos cubinhos desapareceriam pelo fundo perfurado.*

*Então ele os pegaria novamente e, mais uma vez, uma nova tentativa:*

*Os dados, porém, lhe serviam o mesmo truque: eles voavam para longe.*

*Então ele ainda tentaria, e ainda falharia;*

*ainda procurando por muito tempo, ele se demoraria;*

*E toda vez que as coisas traiçoeiras escorregam por seus dedos.*

*Só assim quando Sísifo finalmente chega lá com seu rochedo,*

*Ele encontra o trabalho todo em vão - rola para baixo dos seus ombros”.*

*Nam quotiens missurus erat resonante fritillo,  
utraque subducto fugiebat tessera fundo.  
Cumque recollectos auderet mittere talos,  
lusuro similis semper semperque petenti,  
decepere fidem: refugit digitosque per ipsos  
fallax adsiduo dilabitur alea furto.  
Sic cum iam summi tanguntur culmina montis,  
irrita Sisyphio volvantur pondera collo.*

2. De repente, quem deveria aparecer senão Calígula, e reclama o homem por escravo: traz testemunhas, que disseram tê-lo visto ser açoitado, chicoteado, espancado por ele. Ele é entregue a Calígula, e Calígula faz dele um presente para Éaco. Éaco o entrega a seu liberto Menandro, para ser seu esbirro<sup>80</sup> no tribunal.



## NOTAS

1 No português contemporâneo o termo está mais ligado ao ápice de um acontecimento, no Brasil significa também o último quadro em musicais, desfiles ou em certas peças teatrais, quando geralmente se apresenta o conjunto dos participantes do espetáculo ricamente vestidos, com iluminação e cenários suntuosos.

2 A **sátira menipeia** é uma forma de sátira escrita geralmente em prosa, com extensão e estrutura similar a um romance, caracterizada pela crítica às atitudes mentais ao invés de a indivíduos específicos. Teria sido criada por Menipo, escritor grego antigo cujas obras não restaram, mas foi principalmente mantida por Luciano de Samósata e Marco Terêncio Varrão. O termo é geralmente utilizado por gramáticos clássicos e filólogos para diferenciar as sátiras em prosa (por oposição às sátiras em verso de Juvenal)

3 **Dião Cássio**, também conhecido por Dion Cássio, Cássio foi um historiador. Cássio publicou a **História de Roma em 80 volumes**, iniciando o relato a partir da lendária chegada de Eneias à Itália, passando pela subsequente fundação de Roma, e prolongando-se até 229; um período de 983 anos.

4 13 de outubro de 54, é a data do falecimento do imperador Cláudio.

5 Paródia das palavras com as quais os historiadores começavam os seus textos. "*Sine ira et studio*" usavou, por exemplo, Tácito no início dos seus Anais.

6 Sêneca fora condenado ao exílio na Ilha de Corsega por Cláudio. Com a morte de Messalina Sêneca pode retornar a Roma. Ver introdução e as consolações de Sêneca [a Hélvia](#) e [a Políbio](#), liberto de Cláudio.

7 Júlia Drusila foi uma das filhas de Germânico com Agripina Maior e irmã e

amante de do imperador romano Calígula.

8 Depois da sua morte Calígula ficou arrasado e deificou a irmã, consagrando-a com título de "Panthea" ("deusa de tudo") e lamentando publicamente sua morte como se fosse o viúvo.

9 Foi o senador Lívio Germínio, "curator" da Via Ápia, por enorme quantia de dinheiro, atestou ter visto Drusila subir aos céus (Díon Cássio, LIX, 10-11).

10 Referência a [Virgílio, Eneida](#), II, 724: o pequeno Júlio segue o pai "non passibus aequis"; usado por Sêneca para ridicularizar Cláudio, que claudicava.

11 Augusto e Tibério morreram na Campânia e seus corpos foram transportados a Roma pela Via Ápia.

12 Cláudio morreu um pouco antes; mas o falecimento não foi anunciado imediatamente para se acertar antes a sucessão.

13 **Parcas** eram as três irmãs que determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos seres humanos. Os gregos as chamava de **Moiras** (em grego: Μοῖραι). Eram três mulheres lúgubres, responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. Durante o trabalho, as moiras fazem uso da Roda da Fortuna, que é o tear utilizado para se tecer os fios. As voltas da roda posicionam o fio do indivíduo em sua parte mais privilegiada (o topo) ou em sua parte menos desejável (o fundo), explicando-se assim os períodos de boa ou má sorte de todos. As Moiras eram:

**Cloto** (Κλωθώ; klothó) em grego significa «fiar», segurava o fuso e tecia o fio da vida. Junto de Ilitia, Ártemis e Hécate, Cloto atuava como deusa dos nascimentos e partos.

**Láquesis** (Λάχεσις; láchesis) em grego significa «sortear» puxava e enrolava o fio tecido, Láquesis atuava junto com Tique, Pluto, Moros e outros, sorteando o quinhão de atribuições que se ganhava em vida.

Átropos (Ἄτροπος; átropos) em grego significa «afastar», ela cortava o fio da vida. Átropos, juntamente a Tânato, Moros e as queres, determinava o fim da vida.

14 Um adágio para um zé-ninguém: *qui te natum non putat*.

15 Virgílio, Geórgicas, IV, 90: o apicultor mata o pior zangão para que o melhor reine.

16 Augurino é desconhecido, Baba é citado por Sêneca na Carta XV, 9 como homem de "vita stulta". Talvez os três homens estivessem indicados como os maiores bobos da cidade.

17 "piério", Relativo ou pertencente às musas.

18 Suetônio diz que os cortesãos, para que o povo não tivesse notícia da morte do imperador, chamaram atores para simular um espetáculo.

19 Suetônio: "Narra-se, além disso, que Cláudio tinha emitido um decreto para liberar aos convidados, durante banquetes, as flatulências do estômago e as

ventosidades dos intestinos.”

20 τίς πόθεν εἰς ἀνδρῶν, ποίη πόλις ἠδὲ τοκῆες. Homero, Odisseia, I, 1V.: Cláudio tinha o costume de citar versos de Homero em todas as circunstâncias.

21 Ἴλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεσσι πέλασσεν. Homero, Odisseia, IX, 39. Cláudio, descendente de Enéias, teria vindo de Tróia (Ilio) para morar entre os bárbaros (Ciconos), isto é, os romanos. Sêneca, com ironia, acrescenta que Cláudio não devia citar o verso 39, mas o ε·, onde se afirma que o imperador destruiria Roma!

22 ἔνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς Homero, Odisseia, IX, ε·

23 Os romanos divinizaram a Febre. Cláudio morreria – conforme a versão oficial – por um ataque da febre que sempre, durante sua vida, o torturara (Suetônio).

24 Marco Munátio Planco fundou a colônia de Lião. Ver Sêneca, Carta 91.

25 Vienne é uma comuna francesa situada no departamento de Isère, na região de Auvérnia-Ródano-Alpes.

26 Os gauleses ocuparam e saquearam Roma em 390 a.C.

27 Um escravo gaulês, nomeado por Augusto Procurador de Gallia Lugudunensis, quando se fez notório por suas extorsões. Ver Dião Cássio. liv, 21.

28 Xanto: rio da Ásia Menor; Ródano: rio que banha a cidade gaulesa de Lião.

29 Um provérbio, encontrado também em Herondas iii, 76: aparentemente a terra das fadas, mundo da fantasia

30 Dos trabalhos de Hércules. Gérion, rei mitológico tinha três corpos para cima da barriga, morava na ilha Eritéia e possuía muito gado, roubado por Hércules.

31 Sobre o rio Arar, que corre vagarosamente. Ver Júlio César, Comentários à Guerra da Gália, I, 12, 1.

32 Jogo de palavras: [μωρό] “morón” (do idiota) por [θεού]”theón” (do deus).: Nero afirmava que Cláudio, morrendo, tinha acabado de “morari” entre os homens (“morari” morar, viver; mas o verbo, pronunciado à maneira grega, com o “o” longo, significa “ser bobo”).

33 Cláudio era, por nascimento, gaulês (“gallus”)

34 Suetônio afirma que administrar a justiça era uma das manias de Cláudio: não deixava o encargo nem nos meses das férias de verão (hemisfério Norte).

35 Definição da divindade para Epicuro: Cláudio era exatamente o contrário disso. Ver Diógenes Laércio, [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) - Livro X - Epicuro

36 Referência às saturnalias, As licenciosas festas em honra do deus Saturno: mais ou menos o nosso carnaval.

37 Silano foi acusado de incesto com a própria irmã Júnia Calvina. Ao condená-lo, Cláudio condenou, implicitamente, Júpiter, irmão e esposo de Juno!

38 Em Atenas, as leis permitiam o casamento entre filhos do mesmo pai, não da mesma mãe; no Egito, também da mesma mãe.

39 Provérbio: tudo é limpo, regular (até os ratos limpam as mós); Ou em Roma os ratos não comem a farinha, mas se contentam em lambar o pouco que ficou sobre as mós. Nos céus, ao contrário – afirmou pouco antes Hércules –, os ratos comem ferro

40 Talvez aludindo a um casamento simulado de Silius e Messalina.

41 Em Camulodunum. Tácito afirma que os habitantes odiavam aquele templo, pois era o símbolo da tirania romana.

42 Novamente [μωρό: morou] para [Θεού: theou] como no capítuloVII.

43 **Jano** é retratado com duas faces opostas, é o deus romano ao qual era consagrado o início de todas as coisas: a ele era dedicado o primeiro mês do ano («Januarius»). A figura de Jano é associada a portas (entrada e saída), bem como a transições. A sua face dupla também simboliza o passado e o futuro. Jano é o deus dos inícios, das decisões e escolhas.

44 Talvez uma alusão ao encurtamento do mandato do cônsul, o que foi feito para dar a mais candidatos uma chance da honra.

45 Aludindo aqui à dupla face de Jano. Também em [Homero, Ilíada](#), III, 109. Em Homero, o rei Príamo vê muito longe, no passado e no futuro, pois tem bastante experiência.

46 São expressões de [Homero na Ilíada, VI, 142; VIII, 486](#) para indicar os mortais que vivem sobre a terra.

47 **Diéspiter** era uma antiga divindade romana. **Vica Pota** era a deusa das vitórias e das conquistas

48 Puxar a orelha era, em Roma, citar, simbolicamente, uma testemunha. Para os antigos, a orelha era a sede da memória (Plínio, História Natural). No caso para lembrar Hércules de favorecer Cláudio.

49 “*se alimentar de nabos cozidos*”: hábitos modestos e sóbrios.

50 Nas Metamorfoses de Ovídio já estavam as apoteoses de Rômulo e de Júlio César, e a também à futura apoteose de Augusto. Por isso, naquele poema devia estar também... a apoteose de Cláudio.

51 O discurso parece conter uma paródia do estilo e dos ditos de Augusto.

52 Estas frases lembram o que Augusto escreveu no seu testamento (“Res gestae”).

53 **M. Valerio Messala Corvino**, nomeado *praefectus urbi*, renunciou dentro de uma semana.

54 Um provérbio, como “*A caridade começa em casa*”. A leitura da passagem é incerta; “irmã” é apenas uma conjectura, e é difícil perceber por que sua irmã deve ser mencionada.

55 Suetônio diz que Cláudio costumava julgar rapidamente e sem ouvir a defesa.

56 [Homero, Ilíada](#), I, 591. Vulcão é o deus do fogo. No Olimpo, defendeu a mãe Juno contra o pai Júpiter; e o pai o pegou pelo pé e o jogou dos céus.

57 [Homero, Ilíada](#), XV,18: Júpiter brigou com a esposa Juno por causa da guerra entre os gregos e o troianos, pois ela favorecia os Gregos.

58 Da mesma forma como Cláudio fazia com os outros.

59 Catulo, Líber, III, 12. *“unde negant redire quemquam”*

60 A Via Sacra era a avenida mais importante de Roma, no meio do Foro: sacra, pelas procissões religiosas.

61 **Anapesto** é uma unidade rítmica do poema. É formado por duas sílabas átonas (ou breves) e uma sílaba tônica (ou longa), em ritmo ascendente.

62 *“Brigantas”* Povo da Bretanha.

63 O jogo dos dados era ilegal mesmo assim era a maior paixão de Cláudio.

64 Taltibio era um arauto, um mensageiro. Ele quer dizer Mercúrio.

65 Área mais nobre e populosa de Roma..

66 Segundo Tácito, Narciso, o mais poderoso liberto de Cláudio, foi morto logo depois do falecimento do imperador. Sêneca brinca que não tinha subido até o Olimpo, mas descido diretamente aos inferos.

67 Narciso foi morto, enquanto estava tratando a gota nas termas de Sinuessa, na Campânia.

68 Ver [Virgílio, Eneida](#), VI, 126: *“facilis descensus Averno”*

69 Era o canto com o qual, nas festas egípcias de Ísis, se saudava o boi Ápis.

70 Trata-se de uma lista de amantes e cúmplices de Messalina. Mnester, que Cláudio havia enviado aos braços de Messalina, talvez como espião, e que no fim foi morto para salvar as aparências.

71 Anos antes, Sêneca escrevera uma carta de consolação a Políbio, ver [Consolação a Políbio](#)

72 **Éaco** (em grego: Αἰακός, transl.: Aiakós), na mitologia grega, é filho de Zeus e da ninfa Egina, filha do deus-rio Asopo. É um dos três maiores juízes do além-túmulo: Éaco, Radamanto, Minos.

73 A lei citada é a *“Cornelia de sicariis et veneficiis”*, Lei Cornélia sobre apunhaladores e envenenadores, de Sila, lei que dava competência a uma comissão especial para julgar acerca dos homicídios. A lei estabeleceu a pena de morte como sanção a quem praticasse envenenamento e apunhalamento. A lei também sentenciava a morte a quem desse, preparasse, vendesse ou

confeccionasse os venenos ou providenciasse meios para consumir o atentado.

74 “*Quantos são os grãos de pó e areia*” é frase homérica ([Homero, Ilíada](#), IX, 185).

75 Proverbio para indicar a lei de talião.

76 **Sísifo** (em grego: Σίσυφος, transl.: Sísyphos), era considerado o mais astuto de todos os mortais. Revelou um segredo de Júpiter e foi condenado à morte; enganou o deus da morte a Morte e ninguém podia mais morrer; finalmente quando foi descoberto e morreu, foi condenado no além-túmulo a carregar uma enorme pedra até o cume de uma montanha: mas, quando estava para chegar ao cume, a pedra lhe caía das costas e voltava aos pés do monte. É o símbolo do trabalho inútil.

77 **Tântalo** foi um mitológico rei da Frígia ou da Lídia. Certa vez, ousando testar a onisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e serviu-lhes a carne do próprio filho num festim. Como castigo foi lançado ao Tártaro, onde, num vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos moviam-se para longe de seu alcance sob a força do vento. A expressão suplício de Tântalo refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular “*Tão perto e, ainda assim, tão longe*”.

78 **Íxion**, na mitologia grega, rei dos lápitas na Tessália. Tentou seduzir Hera, a esposa de Júpiter; e Júpiter o condenou a ser amarrado numa roda de fogo, que girava sem parar.

79 Cláudio, como visto anteriormente, tinha uma paixão louca pelo jogo de dados: jogava em qualquer lugar, até em sua liteira durante as viagens.

80 **Esbirro**: funcionário de nível menor em tribunais. Finalmente Cláudio volta a ser o que sempre foi na vida: um esbirro para instruir inquéritos e processos especiais.

# L. ANNAEI SENECAE



# APOCOLOCYNTOSIS DIVI CLAVDII

quos cum uidisset claudius exclamat ΠΑΝΤΑ ΦΙΛΩΝ ΠΑΡΗ ΠΗ· Quomodo hoc uentis  
uos· cum pedo pompeius quid dicit homo crudelissime· quid sit quomodo quis sem  
nos alius hinc misit quam tu omnium amicorum innox fecerit· Inuicem mihi ego tibi he  
stellis ostendam· duce illum ad tribunal caeni ut lege cornelia quae desicariis  
lacte· querebat· postulat nomen eius recipiat· edic susceptionem occaso stna  
tores· XXX· equites· R· U· speeros· CC· XXI· Θ· CA· Ψ· Α· Μ· Α· Θ· Ο· Ε· Τ· Ε· Κ· Ο· Ν· Ι· C· Ε· Τ· Α· Ι· U· O· C· A· T· U  
non inuenit eandem pcedit· p· p· kromius uicis conuictor ei homo claudiana  
lingua disertus· & postulat aduocationem· non datur accusat· pedo pompeius  
magni clamoribus incipit pironius uelle respondere· Ecce homo iustissimus  
uicis & illum aliter tantu parte iudica conlennat & uic· ΑΙ· Κ· Ε· Τ· Α· Κ· Τ· Α· Ε· Ρ· Ε  
Ζ· Α· Ι· Ι· Κ· Ε· Ε· Ψ· Ι· Α· Τ· Ε· Μ· Ε· Ρ· Ο· · Ingenti silentio factae stupebant omni nouitate ra  
attoniti negant hoc umquam factu claudio magis iniquum uidebatur qui  
nouum degenerate poeno diu disputatu est· quid illi pati oporteret· Erant  
qui dicerent sium diu leturam fecissent tanta si periretur nisi illi sue  
curtūtur aliquando exoniis miseris roca sufflaminandum· non placuit ulli  
exuere ibi missionem dari· ne uel claudius unquam simile sperare· placuit  
noua poeni confectui debere excogitandi illi labore irrtai & alii cuius capi  
dicatū spectare effectu· tum ac tu aut sub illum alex ludere per tuos strillo  
diam coepit· figionei semper cesserat quare & nihil proficere·

**N**unquam enim iusturū fratre somance strillo

**U**traque subduco fugietur cesserat fundo

**C**um quo recolleceos iudex & mittere talos

**L**u furo similis semp semper q· p· c· i· n· t· i

**D**ecere filom refugit ligatosque per ipsos

**f**allax ad siluodilabatur alex fureo

**S**ic cum iam sum mitanguntur cubina monas

**L**irita sifisio uol uincur pondera collo

**A**pparuit subico· c· caesar & petere illum in seruicem· Coepit pducere cetero  
quillum uiderant ab illo flagitū ferulis colaphis uapulanteū· ad iudice  
· c· caesar· caesar· Illi exco donatū menandro liberto suo tradidit· ut recog  
nitonibus esset· ; ; ; **DIVI· CLAUDII· EXPLICIT· APOTHEOSIS·**

**ANNEL· SENECAE· PERSATURAM·**



Quid actum sit in caelo ante diem III idus Octobris anno novo, initio saeculi felicissimi, volo memoriae tradere. Nihil nec offensae nec gratiae dabitur. Haec ita vera si quis quaesiverit unde sciam, primum, si noluerit, non respondebo. Quis coactus est? Ego scio me liberum factum, ex quo suum diem obiit ille, qui verum proverbium fecerat, aut regem aut fatuum nasci oportere. Si libuerit respondere, dicam quod mihi in buccam venerit. Quis unquam ab historico iuratores exegit? Tamen si necesse fuerit auctorem producere, quaerito ab eo qui Drusillam euntem in caelum vidit: idem Claudium vidisse se dicet iter facientem “non passibus aequis.” Velit nolit, necesse est illi omnia videre, quae in caelo aguntur: Appiae viae curator est, qua scis et divum Augustum et Tiberium Caesarem ad deos isse. Hunc si interrogaveris, soli narrabit: coram pluribus nunquam verbum faciet. Nam ex quo in senatu iuravit se Drusillam vidisse caelum ascendentem et illi pro tam bono nuntio nemo credidit, quod viderit, verbis conceptis affirmavit se non indicaturum, etiam si in medio foro hominem occisum vidisset. Ab hoc ego quae tum audivi, certa clara afferro, ita illum salvum et felicem habeam.



*Iam Phoebus brevior via contraxerat arcum  
lucis, et obscuri crescebant tempora somni,  
iamque suum victrix augebat Cynthia regnum,  
et deformis hiemps gratos carpebat honores  
divitis autumni, iussoque senescere Baccho  
carpebat raras serus vindemitor uvas.*

Puto magis intellegi, si dixerō: mensis erat October, dies III idus Octobris. Horam non possum certam tibi dicere, facilius inter philosophos quam inter horologia conveniet, tamen inter sextam et septimam erat. Nimis rustice! <Adeo his> adquiescunt omnes poetae, non contenti ortus et occasus describere ut etiam medium diem inquietent, tu sic transibis horam tam bonam?

*Iam medium curru Phoebus diviserat orbem:  
et propior nocti fessas quatiebat habenas  
obliquo flexam deducens tramite lucem:*

Claudius animam agere coepit nec invenire exitum poterat.



Tum Mercurius, qui semper ingenio eius delectatus esset, unam e tribus Parcibus seducit et ait: “Quid, femina crudelissima, hominem miserum torqueri pateris? Nec unquam tam diu cruciatus cesset? Annus sexagesimus [et] quartus est, ex quo cum anima luctatur. Quid huic et rei publicae invides? Patere mathematicos aliquando verum dicere, qui illum, ex quo princeps factus est, omnibus annis, omnibus mensibus efferunt. Et tamen non est mirum si errant et horam eius nemo novit; nemo enim unquam illum natum putavit. Fac quod faciendum est:

*'Dede neci, melior vacua sine regnet in aula.'*”

Sed Clotho “ego mehercules” inquit “pusillum temporis adicere illi volebam, dum hos pauculos, qui supersunt, civitate donaret (constituerat enim omnes Graecos, Gallos, Hispanos, Britannos togatos videre), sed quoniam placet aliquos peregrinos in semen relinquere et tu ita iubere fieri, fiat.” Aperit tum capsulam et tres fusos profert: unus erat Augurini, alter Babae, tertius Claudii. “Hos” inquit “tres uno anno exiguis intervallis temporum divisos mori iubebo, nec illum in comitatu dimittam. Non oportet enim eum, qui modo se tot milia hominum sequentia videbat, tot praecedentia, tot circumfusa, subito solum destitui. Contentus erit his interim convictoribus.”

## IV

*Haec ait et turpi convolvens stamina fuso  
abrupit stolidae regalia tempora vitae.  
At Lachesis redimita comas, ornata capillos,  
Pieria crinem lauro frontemque coronans,  
candida de niveo subtemina vellere sumit  
felici moderanda manu, quae ducta colorem  
assumpsere novum. Mirantur pensa sorores:  
mutatur vilis pretioso lana metallo,  
aurea formoso descendunt saecula filo.  
Nec modus est illis, felicia vellera ducunt  
et gaudent implere manus, sunt dulcia pensa.  
Sponte sua festinat opus nulloque labore  
mollia contorto descendunt stamina fuso.  
Vincunt Tithoni, vincunt et Nestoris annos.  
Phoebus adest cantuque iuvat gaudetque futuris,  
et laetus nunc plectra movet, nunc pensa ministrat.  
Detinet intentas cantu fallitque laborem.  
Dumque nimis citharam fraternaue carmina laudant,  
plus solito nevere manus, humanaue fata  
laudatum transcendit opus. "Ne demite, Parcae"  
Phoebus ait "vincat mortalis tempora vitae  
ille, mihi similis vultu similisque decore  
nec cantu nec voce minor. Felicia lassis  
saecula praestabit legumque silentia rumpet.  
Qualis discutiens fugientia Lucifer astra  
aut qualis surgit redeuntibus Hesperus astris,  
qualis cum primum tenebris Aurora solutis  
induxit rubicunda diem, Sol aspicit orbem  
lucidus, et primos a carcere concitat axes:*

*talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem  
aspiciet. Flagrat nitidus fulgore remisso  
vultus, et adfuso cervix formosa capillo."*

Haec Apollo. At Lachesis, quae et ipsa homini formosissimo  
faveret, fecit illud plena manu, et Neroni multos annos de  
suo donat. Claudium autem iubent omnes

*χαίροντας, εὐφημοῦντας ἐκπέμπειν δόμων.*

Et ille quidem animam ebulliit, et ex eo desiit vivere videri.  
Exspiravit autem dum comoedos audit, ut scias me non sine  
causa illos timere. Ultima vox eius haec inter homines  
audita est, cum maiorem sonitum emisisset illa parte, qua  
facilius loquebatur: "vae me, puto, concacavi me." Quod an  
fecerit, nescio: omnia certe concacavit.

## V

Quae in terris postea sint acta, supervacuum est referre. Scitis enim optime, nec periculum est ne excidant memoriae quae gaudium publicum impresserit: nemo felicitatis suae obliviscitur. In caelo quae acta sint, audite: fides penes auctorem erit. Nuntiatur Iovi venisse quendam bonae staturae, bene canum; nescio quid illum minari, assidue enim caput movere; pedem dextrum trahere. Quaesisse se, cuius nationis esset: respondisse nescio quid perturbato sono et voce confusa; non intellegere se linguam eius, nec Graecum esse nec Romanum nec ullius gentis notae. Tum Iuppiter Herculem, qui totum orbem terrarum pererraverat et nosse videbatur omnes nationes, iubet ire et explorare, quorum hominum esset. Tum Hercules primo aspectu sane perturbatus est, ut qui etiam non omnia monstra timuerit. Ut vidit novi generis faciem, insolitum incessum, vocem nullius terrestris animalis sed qualis esse marinis beluis solet, raucam et implicatam, putavit sibi tertium decimum laborem venisse. Diligentius intuenti visus est quasi homo. Accessit itaque et quod facillimum fuit Graeculo, ait:

*τίς πόθεν εἰς ἀνδρῶν, ποίη πόλις ἡδὲ τοκῆες;*

Claudius gaudet esse illic philologos homines, sperat futurum aliquem historiis suis locum. Itaque et ipse Homericō versu Caesarem se esse significans ait:

*Ἰλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεσσι πέλασσαν*

Erat autem sequens versus verior, aequē Homericus:

*ἔνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς.*

## VI

Et imposuerat Herculi minime vafro nisi fuisset illic Febris, quae fano suo relicto sola cum illo venerat: ceteros omnes deos Romae reliquerat. “Iste “ inquit “mera mendacia narrat. Ego tibi dico, quae cum illo tot annis vixi: Luguduni natus est, Marci municipem vides. Quod tibi narro, ad sextum decimum lapidem natus est a Vienna, Gallus germanus. Itaque quod Gallum facere oportebat, Romam cepit. Hunc ego tibi recipio Luguduni natum, ubi Licinus multis annis regnavit. Tu autem, qui plura loca calcasti quam ullus mulio perpetuarius, Lugudunenses scire debes, et multa milia inter Xanthum et Rhodanum interesse.” Excandescit hoc loco Claudius et quanto potest murmure irascitur. Quid diceret, nemo intellegebat, ille autem Febrim duci iubebat, illo gestu solutae manus et ad hoc unum satis firmatae, quo decollare homines solebat, iusserat illi collum praecidi. Putares omnes illius esse libertos: adeo illum nemo curabat.



## VII

Tum Hercules “audi me” inquit “tu desine fatuari. Venisti huc, ubi mures ferrum rodunt. Citius mihi verum, ne tibi alogias excutiam.” Et quo terribilior esset, tragicus fit et ait:

*"Exprome propere, sede qua genitus cluas,  
hoc ne peremptus stipite ad terram accidas;  
haec clava reges saepe mactavit feros.  
Quid nunc profatu vocis incerto sonas?  
Quae patria, quae gens mobile eduxit caput?  
Edissere. Equidem regna tergemini petens  
longinqua regis, unde ab Hesperio mari  
Inachiam ad urbem nobile advexi pecus,  
vidi duobus imminens fluviis iugum,  
quod Phoebus ortu semper obverso videt,  
ubi Rhodanus ingens amne praerapido fluit,  
Ararque dubitans, quo suos cursus agat,  
tacitus quietis adluit ripas vadis.  
Estne illa tellus spiritus altrix tui? "*

Haec satis animose et fortiter, nihilo minus mentis suae non est et timet μωροῦ πληγήν. Claudius ut vidit virum valentem, oblitus nugarum intellexit neminem Romae sibi parem fuisse, illic non habere se idem gratiae: gallum in suo sterquilino plurimum posse. Itaque quantum intellegi potuit, haec visus est dicere: “Ego te, fortissime deorum Hercule, speravi mihi adfuturum apud alios, et si qui a me notorem petisset, te fui nominaturus, qui me optime nosti. Nam si memoria repetis, ego eram qui tibi ante templum tuum ius dicebam totis diebus mense Iulio et Augusto. Tu scis, quantum illic miseriarum tulerim, cum causidicos audirem diem et noctem, in quod si incidisses, valde fortis licet tibi

videaris, maluisses cloacas Augeae purgare: multo plus ego  
stercoris exhausti. "Sed quoniam volo" . . . [lacuna]

## VIII

. . . “non mirum quod in curiam impetum fecisti: nihil tibi clausi est. Modo dic nobis, qualem deum istum fieri velis. Ἐπικούρειος θεός non potest esse: οὔτε αὐτὸς πράγμα ἔχει τι οὔτε ἄλλοις παρέχει; Stoicus? Quomodo potest ‘rotundus’ esse, ut ait Varro, ‘sine capite, sine praeputio’? Est aliquid in illo Stoici dei, iam video: nec cor nec caput habet. Si mehercules a Saturno petisset hoc beneficium, cuius mensem toto anno celebravit, Saturnalicus princeps, non tulisset illud, nedum ab Iove, quem quantum quidem in illo fuit, damnavit incesti. Silanum enim generum suum occidit propterea quod sororem suam, festivissimam omnium puellarum, quam omnes Venerem vocarent, maluit Iunonem vocare. ‘Quare’ inquis ‘quaero enim, sororem suam?’ Stulte, stude : Athenis dimidium licet, Alexandriae totum. ‘Quia Romae’ inquis ‘mures molas lingunt.’ Hic nobis curva corrigit? quid in cubiculo suo faciat, nescio, et iam ‘caeli scrutatur plagas’? Deus fieri vult: parum est quod templum in Britannia habet, quod hunc barbari colunt et ut deum orant μωροῦ εὐιλᾶτου τυχεῖν;”

## IX

Tandem Iovi venit in mentem, privatis intra curiam morantibus [senatoribus non licere] sententiam dicere nec disputare. “Ego” inquit “p. c. interrogare vobis permiseram, vos mera mapalia fecistis. Volo ut servetis disciplinam curiae. Hic qualiscunque est, quid de nobis existimabit? Illo dimisso primus interrogatur sententiam Ianus pater. Is designatus erat in kal. Iulias postmeridianus consul, homo quantumvis vafer, qui semper videt a ἄμα πρόσσω καὶ ὀπίσσω. Is multa diserte, quod in foro vivebat, dixit, quae notarius persequi non potuit, et ideo non refero, ne aliis verbis ponam, quae ab illo dicta sunt. Multa dixit de magnitudine deorum: non debere hunc vulgo dari honorem. “Olim” inquit “magna res erat deum fieri: iam Fabam mimum fecistis. Itaque ne videar in personam, non in rem dicere sententiam, censeo ne quis post hunc diem deus fiat ex his, qui ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν aut ex his, quos alit ζείδωρος ἄρουρα. Qui contra hoc senatus consultum deus factus, dictus pictusve erit, eum dedi Larvis et proximo munere inter novos auctoratos ferulis vapulare placet.” Proximus interrogatur sententiam Diespiter Vicae Potae filius, et ipse designatus consul, nummulariolus: hoc quaestu se sustinebat, vendere civitatulas solebat. Ad hunc belle accessit Hercules et auriculam illi tetigit. Censet itaque in haec verba: “Cum divus Claudius et divum Augustum sanguine contingat nec minus divam Augustam aviam suam, quam ipse deam esse iussit, longeque omnes mortales sapientia antecellat, sitque e re publica esse aliquem qui cum Romulo possit ‘ferventia rapa vorare,’ censeo uti divus Claudius ex hac die deus sit, ita uti ante

eum qui optimo iure factus sit, eamque rem ad Metamorphosis Ovidi adiciendam.” Varias erant sententias, et videbatur Claudius sententiam vincere. Hercules enim, qui videret ferrum suum in igne esse, modo huc modo illuc cursabat et aiebat: “Noli mihi invidere, mea res agitur: deinde tu si quid volueris, in vicem faciam; manus manum lavat.”

# X

Tunc divus Augustus surrexit sententiae suae loco dicendae, et summa facundia disseruit: “Ego” inquit “p.c. vos testes habeo, ex quo deus factus sum, nullum me verbum fecisse: semper meum negotium ago. Sed non possum amplius dissimulare, et dolorem, quem graviorem pudor facit, continere. In hoc terra marique pacem peperit? Ideo civilia bella compecui? Ideo legibus urbem fundavi, operibus ornavi, ut–quid dicam p. c. non invenio: omnia infra indignationem verba sunt. Confugiendum est itaque ad Messalae Corvini, disertissimi viri, illam sententiam ‘pudet imperii.’ Hic, p.c., qui vobis non posse videtur muscam excitare, tam facile homines occidebat, quam canis adsidit. Sed quid ego de tot ac talibus viris dicam? Non vacat deflere publicas clades intuenti domestica mala. Itaque illa omittam, haec referam; nam etiam si soror mea Graece nescit, ego scio: ἔγγιον γόνυ κνήμης. Iste quem videtis, per tot annos sub meo nomine latens, hanc mihi gratiam rettulit, ut duas Iulias proneptes meas occideret, alteram ferro, alteram fame; unum abnepotem L. Silanum, videris, Iuppiter, an in causa mala, certe in tua, si aequus futurus es. Dic mihi, dive Claudi, quare quemquam ex his, quos quasque occidisti, antequam de causa cognosceres, antequam audires, damnasti? Hoc ubi fieri solet? In caelo non fit.

# XI

“Ecce Iuppiter, qui tot annos regnat, uni Volcano crus fregit, quem

*ῥίψε ποδὸς τεταγῶν ἀπὸ βηλοῦ θεσπεσίῳ*

et iratus fuit uxori et suspendit illam: numquid occidit? Tu Messalinam, cuius aequae avunculus maior eram quam tuus, occidisti. ‘Nescio’ inquis. Di tibi male faciant: adeo istuc turpius est, quod nescisti, quam quod occidisti. C. Caesarem non desiit mortuum persequi. Occiderat ille socerum: hic et generum. Gaius Crassi filium vetuit Magnum vocari: hic nomen illi reddidit, caput tulit. Occidit in una domo Crassum, Magnum, Scriboniam, +Tristionias, Assarionem,+ nobiles tamen, Crassum vero tam fatuum, ut etiam regnare posset. Hunc nunc deum facere vultis? Videte corpus eius dis iratis natum. Ad summam, tria verba cito dicat, et servum me ducat. Hunc deum quis colet? Quis credet? Dum tales deos facitis, nemo vos deos esse credet. Summa rei, p. c., si honeste [me] inter vos gessi, si nulli clarius respondi, vindicate iniurias meas. Ego pro sententia mea hoc censeo:” atque ita ex tabella recitavit: “quandoquidem divus Claudius occidit socerum suum Appium Silanum, generos duos Magnum Pompeium et L. Silanum, socerum filiae suae Crassum Frugi, hominem tam similem sibi quam ovo ovum, Scriboniam socrum filiae suae, uxorem suam Messalinam et ceteros quorum numerus iniri non potuit, placet mihi in eum severe animadverti, nec illi rerum iudicandarum vacationem dari, eumque quam primum exportari, et caelo intra triginta dies excedere, Olympo intra diem tertium.” Pedibus in hanc sententiam itum est. Nec mora, Cyllenius illum collo obtorto trahit ad inferos, [a caelo]

*[illuc] unde negant redire quemquam.*



## VII

Dum descendunt per viam sacram, interrogat Mercurius, quid sibi velit ille concursus hominum, num Claudii funus esset. Et erat omnium formosissimum et impensa cura, plane ut scires deum efferri: tubicinum, cornicinum, omnis generis aenatorum tanta turba, tantus concentus, ut etiam Claudius audire posset. Omnes laeti, hilares: populus Romanus ambulabat tanquam liber, Agatho et pauci causidici plorabant, sed plane ex animo. Iurisconsulti e tenebris procedebant, pallidi, graciles, vix animam habentes, tanquam qui tum maxime reviviscerent. Ex his unus cum vidisset capita conferentes et fortunas suas deplorantes causidicos, accedit et ait: “dicebam vobis: non semper Saturnalia erunt.” Claudius ut vidit funus suum, intellexit se mortuum esse. Ingenti enim μεγάλῳ χορικῶ ἑνῆναια cantabatur anapaestis:

*“Fundite fletus, edite planctus,  
resonet tristi clamore forum:  
cecidit pulchre cordatus homo  
quo non alius fuit in toto  
fortior orbe.  
Ille citato vincere cursu  
poterat celeres, ille rebelles  
fundere Parthos levibusque sequi  
Persida telis, certa que manu  
tendere nervum, qui praecipites  
vulnere parvo figeret hostes,  
pictaque Medi terga fugacis.  
Ille Britannos ultra noti  
litora ponti*

*et caeruleos scuta Brigantas  
dare Romuleis colla catenis  
iussit et ipsum nova Romanae  
iura securis tremere Oceanum.  
Deflete virum, quo non alius  
potuit citius discere causas,  
una tantum parte audita,  
saepe et neutra. Quis nunc iudex  
toto lites audiet anno?  
Tibi iam cedit sede relictā,  
qui dat populo iura silenti,  
Cretaea tenens oppida centum.  
Caedite maestis pectora palmis,  
O causidici, venale genus.  
Vosque poetae lugete novi,  
vosque in primis qui concusso  
magna parastis lucra fritillo."*

## XIII

Delectabatur laudibus suis Claudius, et cupiebat diutius spectare. Inicit illi manum Talthybius deorum [nuntius] et trahit capite obvoluto, ne quis eum possit agnoscere, per campum Martium, et inter Tiberim et viam tectam descendit ad inferos. Antecesserat iam compendiaria Narcissus libertus ad patronum excipiendum, et venienti nitidus, ut erat a balneo, occurrit et ait: "Quid di ad homines?" "Celerius" inquit Mercurius "et venire nos nuntia." Dicto citius Narcissus evolat. Omnia proclivia sunt, facile descenditur. Itaque quamvis podagricus esset, momento temporis pervenit ad ianuam Ditis, ubi iacebat Cerberus vel ut ait Horatius "belua centiceps." Pusillum perturbatur—subalbam canem in deliciis habere adsueverat—ut illum vidit canem nigrum, villosum, sane non quem velis tibi in tenebris occurrere, et magna voce "Claudius" inquit "veniet." Cum plausu procedunt cantantes: εὐρήκαμεν, συγχάρομεν. Hic erat C. Silius consul designatus, Iuncus praetorius, Sex. Traulus, M. Helvius, Trogius, Cotta, Vettius Valens, Fabius equites R. quos Narcissus duci iusserat. Medius erat in hac cantantium turba Mnester pantomimus, quem Claudius decoris causa minorem fecerat. Ad Messalinam—cito rumor percrebuit Claudium venisse—convolant: primi omnium liberti Polybius, Myron, Arpocras, Amphaeus, Pheronactus, quos Claudius omnes, necubi imparatus esset, praemiserat. Deinde praefecti duo Iustus Catonius et Rufrius Pollio. Deinde amici Saturninus Lusius et Pedo Pompeius et Lupus et Celer Asinius consulares. Novissime fratris filia, sororis filia, generi, soceri, socrus, omnes plane consanguinei. Et agmine facto Claudio

occurrunt. Quos cum vidisset Claudius, exclamat πάντα φίλων πλήρη quomodo huc venistis vos?" Tum Peto Pompeius: "Quid dicis, homo crudelissime? Quaeris, quomodo? Quis enim nos alius huc misit quam tu, omnium amicorum interfector? In ius eamus, ego tibi hic sellas ostendam."

## XIV

Ducit illum ad tribunal Aeaci: is lege Cornelia quae de sicariis lata est, quaerebat. Postulat, nomen eius recipiat; edit subscriptionem: occisos senatores XXXV, equites R. CCXXI, ceteros ὅσα ψάμαθός τε κόνις τε. Advocatum non invenit. Tandem procedit P. Petronius, vetus convictor eius, homo Claudiana lingua disertus, et postulat advocatorem. Non datur. Accusat Pedo Pompeius magnis clamoribus. Incipit patronus velle respondere. Aeacus, homo iustissimus, vetat, et illum altera tantum parte audita condemnat et ait: αἴκε πάθοις τὰ ἔρεξας, δίκη εὐθεῖα γένοιτο. Ingens silentium factum est. Stupebant omnes novitate rei attoniti, negabant hoc unquam factum. Claudio magis iniquum videbatur quam novum. De genere poenae diu disputatum est, quid illum pati oporteret. Erant qui dicerent, Sisyphum [satis] diu laturam fecisse, Tantalum siti periturum nisi illi succurreretur, aliquando Ixionis miseri rotam sufflaminandam. Non placuit ulli ex veteribus missionem dari, ne vel Claudius unquam simile speraret. Placuit novam poenam constitui debere, excogitandum illi laborem irritum et alicuius cupiditatis speciem sine effectu. Tum Aeacus iubet illum alea ludere pertuso fritillo. Et iam coeperat fugientes semper tesseris quaerere et nihil proficere.

## XV

*Nam quotiens missurus erat resonante fritillo,  
utraque subducto fugiebat tessera fundo.  
Cumque recollectos auderet mittere talos,  
lusuro similis semper semperque petenti,  
decepere fidem: refugit digitosque per ipsos  
fallax adsiduo dilabitur alea furto.  
Sic cum iam summi tanguntur culmina montis,  
irrita Sisyphio volvuntur pondera collo.*

Apparuit subito C. Caesar et petere illum in servitutum coepit; producit testes, qui illum viderant ab illo flagris, ferulis, colaphis vapulantem. Adiudicatur C. Caesari; Caesar illum Aeaco donat. Is Menandro liberto suo tradidit, ut a cognitionibus esset.





Busto de Cláudio.

# Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II, aproveite.

***Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.***

## OBRAS FILOSÓFICAS DE SÊNECA:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.



## OBRAS FILOSÓFICAS

- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropeúdia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes*

*Laércio*

- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



# I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

**3. Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as

coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

# LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

*Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa  
gratior et pulchro veniens e corpore virtus. <sup>1</sup>*

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude

nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos<sup>2</sup>? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, - a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa,

superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir - uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então?

Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião

quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição<sup>3</sup>. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra



perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris<sup>4</sup>, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?"

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela.

Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandam todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado

em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente;

aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a

mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade,

um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, - um é agradável, outro é feio; da fortuna, - este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil<sup>5</sup>. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, - uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, - por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, - como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os

órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, - tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu

faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre



de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto,

porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio<sup>6</sup>, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não

foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

---

## **NOTAS:**

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge

era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

# Sumário

## Introdução

Sobre o autor

Sobre a tradução

## A Apocoloquintose do Divino Cláudio

I.

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

## APOCOLOCYNTOSIS DIVI CLAVDII

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

VII

XIII

XIV

XV

Bônus

Carta I. Sobre aproveitar o tempo

Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude